



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

5 DE JUNHO DE 1965
ANO XXII — N.º 554 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



O específico da actividade das Irmãzinhas da Assunção é o zelo do lar onde a doença entrou

Um Centenário

Estão-no celebrando as Irmãzinhas da Assunção.

E nós, neste ano que também é o nosso primeiro jubileu, queremos estar presentes à sua alegria e comungar na sua acção de graças, porque a existência delas é mais uma demonstração e, para nós um mais vigoroso tomar de consciência, de como Deus tem a peito o cuidado dos Pobres.

É Ele. Só Ele é Pai. E toda a paternidade, como tudo o que tem razão de Bem, desce das alturas em que Ele mora até aos homens que Ele ama, mesmo aos que não Lhe retribuem em amor, sem nós sabermos explicar o mistério desta predilecção.

Ora Deus serve-Se dos homens na realização do Seu amor pelos homens. A Sua Paternidade evidencia-se na fraternidade entre os homens. E é por isso que Ele não aceita os protestos do nosso amor enquanto algonos dividir e nos manda primeiro fazer as pazes; e que S. João escreveu que «é mentiroso quem diz amar a Deus, se não ama o próximo que vê».

E assim ao longo dos séculos, têm surgido na Igreja caminhos de servir o Pobre, adequados aos problemas de cada tempo. Necessidades de grupos humanos que Deus faz viver intensamente a alguém que escolheu para o enviar em Seu nome a remediá-las.

Foi assim há cem anos com o Padre Pernet, fundador das Irmãzinhas da Assunção. Deu-lhe Deus o dom de sofrer a desagregação produzida na Família operária pelas condições de miséria, nomeadamente pela doença. E essa dor andou muito tempo no seu coração sacerdotal até que, numa manhã de inverno de 1864, durante a celebração da Missa, recebeu «a luz plena» de um remédio: religiosas que consumassem a sua doação no cuidar dos corpos e das almas dos Pobres no seu próprio domicílio. Da luz que brilhou no Altar ao encontro da «mulher forte» e igualmente chamada que era Antoinette Fage, pouco tardou. E em 1865 esta e algumas companheiras mais, dando-se totalmente ao serviço dos Pobres, em nome de Deus, conscientes de serem enviadas por Ele e de O terem por única Força, começaram a caminhada que hoje 2.700 religiosas percorrem a partir de 186 centros espalhados por 24 países do mundo. É o «grão de mostarda» a que o Evangelho compara o Reino de Deus.

O específico da sua actividade é o zelo do lar onde a doença entrou. Se a Mãe de família cai à cama, vai a Irmãzinha tratá-la e substituí-la nas tarefas domésticas que asseguram a ordem e o bem estar familiar. O seu cuidado primeiro dirige-se aos corpos, mas elas actuam em nome do Senhor — são portanto, ainda mais, enfermeiras de almas. Mas os remédios para a alma

Continua na TERCEIRA página

Cantinho dos Padres da Rua

Segunda-feira de Páscoa... O Evangelho leva-nos de Jerusalém a Emaús na companhia de dois homens angustiados pelo que se passara naqueles dias — no que não viam significado nem finalidade.

«Um varão profeta, poderoso em palavras diante de Deus e do povo, fôra entregue à morte pelos sumos sacerdotes e magistrados — e crucificado. Ora, muitos esperavam que ele fôsse o libertador de Israel... E afinal, três dias passados — embora mulheres contassem de como tinham ido ao sepulcro e o acharam vazio; e de como anjos lhes tinham aparecido e dito que ele estava vivo — ninguém o encontrara».

Justificada angústia a destes discípulos: de novo em trevas, depois de tantos instantes de luz; depois da esperança de eterna luz!

Mas eis que um forasteiro se lhes juntou. E, sabedor da inquietação dos dois, explicou-lhes o significado do que acontecera — que estava escrito que assim devia acontecer. Porém, os dois homens não compreenderam.

Era tardinha quando chegaram a Emaús. O forasteiro ia prosseguir. Os dois discípulos detiveram-no por caridade e insistiram: «Fica connosco, porque faz-se tarde e o dia declina».

E sentaram-no à sua mesa. E o forasteiro retribuiu-lhes em luz a sua caridade: Abençoou o pão que eles lhe haviam dado. Partiu-o. E os olhos deles abriram-se e reconheceram-no.

* * *

Este trajecto de Jerusalém a Emaús é o caminho que Deus traçou a Pai Américo: é o nosso caminho. Nós somos recoveiros. O recoveiro é homem de recados e em regra não faz por longe a sua volta. Vai de Jerusalém a Emaús; parte o pão; e no partir do pão revela Cristo aos homens; desfaz-lhes as trevas, a angústia das trevas; e dá-lhes a Paz, a Paz que brota no coração dos homens quando O descobrem no forasteiro e seguem com Ele o caminho da vida.

Continua na QUARTA página

Património dos Pobres

Hoje damos a palavra a alguns construtores do Património dos Pobres ao Sul do Tejo. Começa a cidade portuguesa mais fronteira: — «Acabo de ler no jornal «O Gaiato» um artigo sobre a obra do Património dos Pobres, uma das mais elevadas heranças que nos deixou o Pai Américo.

Seguindo a sua orientação, conselhos e desejos, metemos aqui também mãos à obra cristã e mesmo patriótica. Ultimamente distribuímos por famílias necessitadas mais quatro casas».

Informamos de que esta cidade se orgulha do seu já elevado número de casas para Pobres.

Vem logo a Vila vizinha que é sempre viçosa, embora o seu Património dos

Pobres se erga com pouca vida: — «Este ano começou bem para o Património. Os nossos homens lançaram um sorteio que esperamos seja bom.

Tenho esperança de a Senhora da Conceição nos reservar para o dia da sua festa a alegria de podermos inaugurar as oito moradias.

Contudo não estou satisfeito. Uma grande parte dos donativos têm-nos vindo «de fora» e eram «os de dentro», «os de cá» que deviam tomar à sua conta a construção das casas.

E ainda não estão estas casas feitas e já tenho andado a sonhar com uma outra obra que seria muito urgente. Uma espécie de Calvário».

Também eu me queixo da morosidade da construção nesta vila e do desinteresse de muitos para resolverem seus problemas dos Pobres.

A uns quilómetros grandes ao norte temos Cavião: — «Já há um ano deram terreno cá na vila para a construção de casas para Pobres. Tem havido dificuldades para estruturar a coisa».

Está bem. É o caminho. As dificuldades criam as vontades heróicas, quando há Amor, e são o sinal das obras amadas por Deus. Os vicentinos e vicentinas de Cavião vão dar provas.

Sigamos um pouco e desçamos: — «A Comissão do Património dos Pobres de Ponte de Sor vem informar que num curto prazo de tempo conta iniciar a construção».

Esperamos que não percam tempo, pois têm dinheiro, terreno e vontades para ajudar.

Continua na QUARTA página

Aqui Lisboa

AINDA não se extinguiram entre nós os ecos da nossa festa no Monumental. Os Rapazes continuam a vivê-la, quanto mais não seja, no recordar daquele «dia grande», no trautear das melodias aprendidas e no cantarolar das modas apresentadas pela «sua» ou pelas outras Casas. Mas não é tudo: o carinho, a amizade e a satisfação comunicativa dos Amigos da Obra entraram-lhes na alma, embora, porventura, de modo menos consciente. Também ficámos contentes e as palavras, cartas e notícias a nós chegadas, dizem-nos da satisfação de todos. Materialmente também temos razão para dar graças a Deus: cerca de 17 contos na bilheteira e 21 nas capas.

— x —

A GENTE de autoridade, zeloso e despachado, põe-se em contacto conosco pelo telefone, dizendo que tinha à sua guarda uma criança daqui fugida. Pelo nome não a reconhecemos como tal, nem havíamos dado conta do desaparecimento de alguém. Perante a insistência do nosso interlocutor alvitramos que talvez se tratasse de Rapaz de outra Casa do Gaiato. «Mas — acrescentou o referido senhor — até traz farda e número». «Ah, ele é isso, então fique sabendo que não há dessas coisas entre nós e, portanto, a criança não é gaiato». Ficou espantado mas convencido. Aqui fica registado em ordem aos que, porventura, ainda não nos conheçam bem: não temos fardas nem números.

— x —

O problema dos chamados filhos de pai incógnito continua a tomar proporções cada vez mais vastas, sem podermos prever até onde as coisas chegarão. Há pouco, demos conta de se ter realizado uma reunião a esse propósito, relacionada, salvo erro, com o projecto de novo Código. Apesar do tempo não ser muito, tivemos pena de não sabermos da dita reunião ou colóquio. Como houve debate, não nos teríamos, sem dúvida, contido, e, à laia de quem acusa e defende, botar palavras, sem grandes especializações, nada do nosso jeito e agrado, mas com a autoridade de quem vive os amargos problemas dos «filhos de ninguém». Acusar os responsáveis, tantas

vezes incensados por uma sociedade dita cristã mas de vida à moda dos pagãos; defender os inocentes, os condenados injustamente a situações que só Deus sabe, por criminoso abandono dos pais, que cobardemente fogem ao exercício da sua própria paternidade.

Lançar uma criança para a valeta; prèvicamente morta ou que ali venha a morrer, é crime. Mas lança-las ao completo abandono, mesmo que a morte se venha processar lentamente ou não se venha a verificar por intenção de outrém, o que será?!

Confortavelmente instalados, nós, homens tranquilos, de consciência limpa, escudados no nosso egoísmo e cobardia o que fazemos? Deixamos correr e limitamo-nos a defender os interesses da criança instaurando um complicado processo orfanológico por causa de bens que tantas vezes não existem. E pronto. Os bens do espírito, os bens morais e os direitos que condicionam até os bens materiais, não riscam! Condena-se

a peixeira que tira algo no peso — e está bem — mas quem se lembra de responsabilizar aqueles que tiram aos próprios filhos o nome a que têm direito, além dos bens deste mundo que condicionam a própria vida? Se o assunto não fôsse tão sério até teríamos motivos para nos rirmos do paradoxo. Louvado seja Deus!

— x —

VOS. Quem os tem de raça? Nós temos uma chocadeira e precisamos de povoar as capoeiras. O pedido não é nosso. Não nos deixem ficar mal perante os nossos chefes.

— x —

BRAS. Lentamente, mas de modo esperançoso, seguem o seu ritmo. Precisamos de abrir as novas escolas em Outubro. Não temos dinheiro. A vosso despacho. Acreditamos.

Padre Luiz

— Mas, Senhor Padre, «O Gaiato» também socorre a gente do campo? Digo isto, porque a obra de Ordins, que, tanto quanto sei, vive à sombra do «Gaiato», só pretende ajudar essa boa gente da terra.

— Sim, Senhor Eusébio, «O Gaiato» interessa-se máxime ao homem do campo, e não há dúvida de que Ordins vive para ele.

— Olhe que eu quase pensava que a Obra da Rua só atendia a esses que, sem pai nem mãe dignos de o serem, ficam abandonados até pela própria sociedade, que os deixa a vagar pelas ruas das cidades, aumentando mais ainda o crime dessa mesma sociedade que, oxalá, não tenha de ser purificada por chuva de enxofre caída do céu.

— E esse trabalho já não era pouco; de grande valor, certamente! Mas repare que não passa de amargo remédio, necessário, que se suporta, todavia, principalmente tendo em atenção o amor ao Senhor, que toma como feito a Ele mesmo tudo quanto se faça aos outros, seus e nossos irmãos.

Como sabe, as cidades, pequenas a princípio, começaram a crescer, particularmente em virtude dos que aí chegavam, idos da província, atraídos pelas maiores facilidades materiais de vida. Isto é de sempre, e não admira a lei



do progresso. O mal esteve e está no facto de nem sempre se ter prestado a devida atenção em preparar essas pessoas que saíam, levando-as a pensar, de modo muito concreto, que não é o dinheiro aquilo que mais importa na vida, para sermos felizes.

E, Senhor Eusébio, olhe que eles só vão a pensar nisso! Oh! Como depois ficam desiludidos, quando se vêem doentes, sem casa para constituir família, sem ninguém que os queira para casar com os tais filhos que os envergonham (e os que eles mataram, antes de nascerem?), sem coragem para voltarem à terra, com a alma a gritar remorsos, que eles procuram fazer calar com as tais facilidades de vida!... Veja como o quadro é triste e faz pensar: os melhores — que são os que partem — tornam-se os piores, que chegam e ficam.

Cont. na TERCEIRA página

MALANJE

Se no mundo há alguém que sem paixão do dinheiro, vive mais à caça do dito, somos nós, os das Casas do Gaiato. E graças a Deus há muita gente que nos compreende e se afflige com as nossas despesas e aí vêm eles com uns auxiliosinhos que nos vão permitindo andar com as obras da Casa-Mãe. A Obra da Rua é uma coisa nova quanto à Assistência e daí ela afligir muitos corações. É que ela é o Evangelho nas ruas! Ela ama o que não presta! Ela procura o que não presta! «Ela faz por recuperar a Crápula».

A nossa Casa de Malanje, é já uma sorridente expectativa de todos os nossos amigos da Obra. Todos nos perguntam pelo progresso da fazenda e pelo desenvolvimento das obras. E a nossa resposta não pode ser outra: Elas não podem parar. Nós precisamos da nossa Aldeia pronta. Nós temos tido fé e estamos esperançados que nunca nos há-de faltar o indispensável para fazermos frente às despesas

quase astronómicas — olhando à insignificância das nossas pessoas — que temos de fazer para irmos avante com tudo.

Esta nossa Casa como todas as nossas da Metrópole, é de todos. Ela é do povo. Ao serviço dos mais necessitados. Às da Metrópole pertence ao povo de lá ajudá-las; e às daqui pertence principalmente aos angolanos, se querem ver uma Angola mais bela e mais sã. É aqui que as crianças abandonadas são aos montes! Estou em crer que todo o cidadão de bem vê a força esmagadora e até sente a necessidade desta e de outras obras que se dedicuem a deitar a mão à criança que sem culpa se afunda na lama. E tudo isto porque acreditamos no Evangelho e por conseguinte nas suas promessas que nunca faltaram até hoje. Nunca ninguém saíu da medioeridade sem um arrojo de confiança na Providência. O que seria da Obra da Rua se o Pai Américo não tivesse uma confiança ilimitada no Mestre?!

— x —

E agora uma listazinha daqueles que sabem muito bem que nunca ficarão pobres por muito darem.

De Irene Soares 50\$00, Maria de Jesus outros 50\$00 e

mais 180\$00 de Maria Luiza. De A. Carvalho 50\$00 e outros 50\$00 dum visitante. Anónima por intermédio da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré 100\$00. Muitas roupas de várias pessoas e muitas outras entregues pelos estudantes do Liceu Adriano Moreira e mais o montante de 6.000\$00 de um peditório que elas fizeram em nosso favor. De uma professora muito amiga 100\$00 e mais 100\$00. As Irmãs de S. José de Cuny uma notinha de 500\$00. Adriano & Caetano enviou-nos a factura do conserto da nossa camioneta no montante de 331\$50 com a indicação de oferta. E aqui não podemos deixar de agradecer ao Senhor Baptista todos os favores que nos têm prestado. De um casal muito amigo e que nunca nos esquece nada mais e nada menos

que 500\$00 e mais 200\$00. Uma promessa feita ao Pai Américo 50\$00. Um rapaz que foi nosso por duas vezes 300\$. Quem dera que todos os nossos que estão lançados na vida se lembrassem amudadas vezes dos irmãos mais novos que como eles carecem agora de quem os ajude!

Ainda de um amigo do Dundo por intermédio do Sr. Bispo, 1.500\$ e logo a seguir veio até nós com 500\$00 o Sr. Lugedero Marques. De Duque de Bragança uma anónima com 50\$00. De visitantes mais 50\$00. Mais 50\$00 e três vezes 100\$00. E para terminar esta procissão segue-se as famílias: Durães, G. Oliveira e Arsénio com 150\$00, mais Silvina Duarte com um pacote de boas roupas. Falta-me ainda os donativos de sacos de cimento que nos têm dado e que o Sr. Padre Telmo a seu tempo se manifestará. Quem dera que ele na altura tivesse já uma listazinha boa, pois era sinal que os Malanjinos estavam connosco. E é tudo.

Fernando Dias

CONFIE A EXECUÇÃO DE IMPRESSOS DO VOSSO ESCRITÓRIO, FÁBRICA, ARMAZÉM, ETC., NAS

TIPOGRAFIAS DA CASA DO GAIATO

SETÚBAL, TOJAL E PAÇO DE SOUSA.



★ BELEM *

Ando bastante preocupada com o reduzido número de esmolas recebidas nestes últimos meses, incluindo quadra da Páscoa.

Com muito trabalho, muita economia e a graça de Deus cá se vai vivendo. Mas, e a nossa dívida? Quando nos veremos livres dela? Ora isso é condição essencial para a solução doutros problemas graves e urgentes, a que já aqui me referi. Vejam só se não é pena deixarmos de receber mais crianças por falta de quartos, quando estamos na posse de uma quinta que dá batatas, hortaliça, legumes e fruta para muitas mais do que as que temos.

Um conselho que me vejo obrigada a dar. Não é permitido pelo regulamento dos C. T. T. enviar dinheiro em cartas. Não obstante, eu sei por experiência que há sempre muitas pessoas que facilitam e mandam notas até em cartas por registar e sem remetente. Pego-lhes que não voltem a fazer tal. Não arrisquem assim esmolas dadas com tanta devoção e por vezes com tanto sacrifício. Essas cartas vão ser causa de tentação para muita gente. Porque, quem não sabe de que vive esta Casa e também as do Gaiato?

Eu sei por experiência que há sempre quem prefira o risco a ter mais trabalhos e por isso me alarma o facto de não receber, há mais de dois meses, uma única esmola nessas condições...

Nota de Presenças: — Pelo C. F., e com o transporte pago, chegaram 360 quilos de adubos, oferecidos por Nitratos de Portugal, S. A. R. L. Se todas as empresas de especialidade se lembrassem de Belém, como esta, o cultivo da nossa quinta ficaria bem mais barato e, conseqüentemente, a alimentação das Belenitas. Quem se sente em condições de nos poder recomendar?

De Paço de Sousa também chegou grande quantidade de encomendas ali entregues para as Belenitas. Recebemos outras em roupas, de Lisboa, Porto, Niza e mais terras.

Do Campo de Besteiros, cá chega, de vez em quando, um cabaz com laranjas. Bem-haja, Senhora D. Maria José, que as nossas são poucas e as suas são mais docinhas.

Maria Cecília e Marido, de Braga, sempre presentes com a sua quota mensal, assim como «Anónimo» de Lisboa, Pai da Gracindinha, Farmácia Confiança, Irmão Vales e Casais de Cursistas, estes todos de Viseu.

Vales de 1.000\$00 de Paço de Sousa, total das esmolas ali entregues; de 500\$00, de Helena de Lisboa, todos os meses; de 125\$000, de Alice, S. Tiago de Cacém; dois de 55\$, de Gina Maria, de Lisboa. Da

Casa do Gaiato do Tojal, um de 760\$00, total das esmolas entregues no Montepio Geral; por um Francisco, do Porto, vale de 100\$00, pedindo uma Avê-Maria por quem em Angola cumpre sempre o seu dever de Português.

«Vai esta pequena lembrança para as Belenitas, que merecem muito mais, pelo bem que se portaram na festa dos Gaiatos».

70\$00 em acção de graças por uma graça obtida por intermédio de Pai Américo. 50\$ de Dulce, do Porto. 150\$00 para a Casa Nova, por duas vezes. De Aveiro vale de 100\$, por Eugénio. 50\$00 de Maria de S. José, Coimbra. Da mesma cidade, 70\$00, receita de um Presépio. De Oliveira de Frades, 100\$00 de um primeiro ordenado.

De Vila Pery, H. Nogueira enviou cheque de 100\$00. Da

Beira, Africa, outro tanto de quatro Marias e um Zé.

Uma colega de Figueira de Castelo Rodrigo enviou duas encomendas com muitas coisas úteis e uma carta muito espirituosa. Sabe, as injeções de fósforo, tomei-as eu e vieram mesmo a propósito.

Duas de 20\$00 de duas Alice, mãe e filha. Outra igual de Luiza. 50\$ do Casal R. D., de Viseu. O dobro da colega Angelina, de Lisboa.

A Conferência de Santo Alberto Magno, dos Alunos do Seminário dos Olivais, enviou vale de 1.000\$00 e, em nome de todos os Confrades, um escreve: «Desejamos profundamente que Belém atinja a finalidade para que foi criada». Peçam então isso sempre ao Senhor e que Ele nos ouça.

Com as esmolas recolhidas em Viseu, por ocasião da Festa dos Gaiatos, pudemos pôr, desta vez, de parte, 15.000\$00.

Fica, pois, a nossa dívida reduzida a:

310.000\$00

—15.000\$00

295.000\$00

Inês — Belém — Viseu

Filhos de pai incógnito

Enquanto sinto a alegria do meu segundo filho, vejo cada vez mais, quanto de ruína é para a nação o ferrete que um filho recebe no registo, quando tido como ilegítimo.

É uma ilegalidade que a própria lei constroí, para ruína de muitas famílias e corrupção de muitos corações. Nós temos que pôr as principais culpas à autoridade, por deixar impune tantos crimes contra o pudor e consentir o filho «sem pai».

Ilegítima é a lei que assim consente. É uma contradição que nós próprios ainda não compreendemos apesar de muito pensar: pois se é preso e castigado aquele que rouba um quilo de ferro, porque não é chamado à pedra todo aquele que rouba à nação o melhor valor que ela tem, que é o sentido da família?

Noutro dia, um jornal diário de Lisboa, trazia o número de ilegítimos nascidos por mês no País. Não te assustes com os

números, porque há outros mais que aqui não figuram e são de duplas culpas, pelo que têm de destruição. Tu sabes onde quero chegar!

A média de filhos ilegítimos nascidos por mês é de 1.500 (mil e quinhentos), mais sessenta e sete, dos fetos mortos.

Quem constroí esta miséria? Quem a consente?

É a miséria cresce com a corrupção.

Há dias num programa de televisão, alguém perguntou a várias crianças o que era um juiz. Como nenhuma respondesse a interrogadora disse que «juiz, é a autoridade que no tribunal julga os factos pelo prisma da Justiça».

Sim. O pior é que o prisma da Justiça dos homens é embaçado e não confere com a justiça de Deus que é a Justiça.

Eu não sei se os homens das leis já viram a lama que vai corrompendo as famílias. Que tristeza! Quem me dera saber onde moram os senhores legisladores, que havia de lhes dizer quanto de amargo é este ferrete, quanta injustiça nele contida, e os crimes que se praticam estimulados pelas omissões dos códigos. Os que redigem as normas das leis, têm o dever grave de reparar, de reconstruir o que está mal feito. E todos nós, temos que ajudar a Autoridade, defendendo conforme a nossa consciência a Justiça e a Verdade.

ERNESTO PINTO

ORDINS

Cont. da SEGUNDA página

Não hesite em acreditar que, fundamentalmente o que é preciso, mesmo hoje, é atender às necessidades espirituais e materiais da nossa boa gente do campo, que é o maior número, e ainda continua a ser a melhor que há.

Pois «O Gaiato» compreende isto tudo muito bem.

O Senhor Eusébio já conhece a Obra do grande Padre Américo, mas conheça-a ainda melhor, e veja se, por este ou por aquele motivo, não deve também ajudá-la, passando a fazer parte dela.

Então não diz nada, meu caro amigo?

— Estou a ouvir, estou a ouvir! Sabe? Tenho pena de que esta nossa conversa não seja escutada, compreendida e revivida por muitos.

— Diz bem, Sr. Eusébio. Que Deus nos ajude! Até à próxima.

Padre Vieira

Visado pela
Comissão de Censura

UM CENTENÁRIO

Cont. da PRIMEIRA página

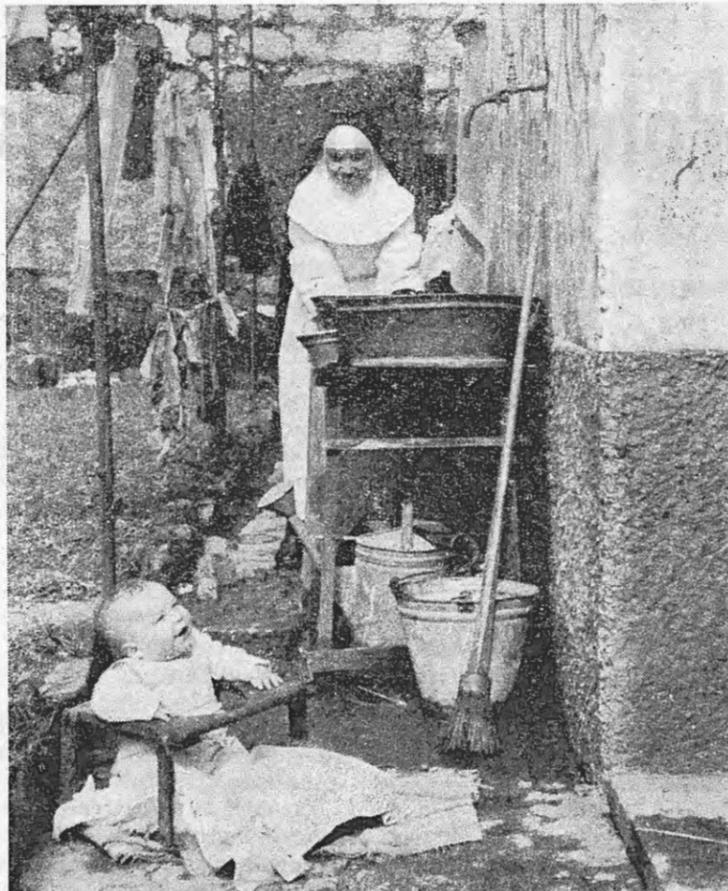
são discreta e intelegentemente ministrados. Quantas vezes a doença que lhes deu entrada num lar foi um dom de salvação para aquela família! Quantos operários arreligiosos ou irreligiosos, principiaram no seu íntimo o diálogo que os levou à conversão, perguntando-se por força de quê ou de quem ali estavam aquelas mulheres mantendo (e melho-

rando, tantas vezes!...) a ordem na sua casa, elas que nada aceitavam em troca, nem sequer impingiam religião. E depois de se interrogarem longamente, sem encontrar resposta, um dia atreveram-se a perguntar-lho. E ouviram, com toda a simplicidade, o «nós andamos aqui porque Deus nos chamou e nos dá força para andarmos». E esta razão começou a roer-lhes a casca grossa de muito preconceito e eles foram

achando o Deus desconhecido que, através da História, Se manifestou aos homens das mais diversas formas, e a estes, mediante uma doença que lhes trouxe a casa estas missionárias, em quem só um amor divino pode explicar a doação. E assim «pelas coisas visíveis eles chegaram ao conhecimento do Invisível».

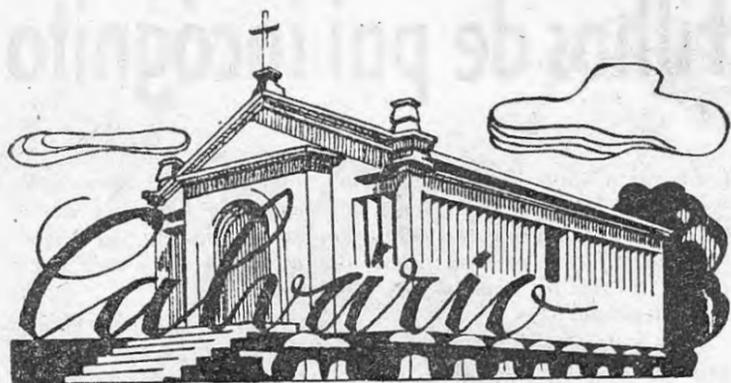
Pois são estas Irmãs, de quem a nossa vocação anda tão próxima, que celebram o seu 1.º centenário.

Visitei-as com Pai Américo, em Lisboa, na sua Casa da R. das Amoreiras, 196, depois de as conhecer no Porto, no Bonfim, onde ainda moram — e lembro-me do brilho nos olhos com que, à saída, Pai Américo, me dizia: «Havemos de vir aqui mais vezes». Ele não tornou mais. Mas creio que no Céu se estará alegrando com a alegria das Irmãs da Assunção ao celebrarem o seu centenário. E essa alegria será também festejada Lá, em confraternização com o Padre Pernet e Antoinette Fage, almas a quem Deus chamou por um caminho bem parecido com aquele por que havia de chamá-lo setenta e cinco anos depois.



Se a Mãe de família cai à cama, vai a Irmãzinha tratá-la e substituí-la nas tarefas domésticas.





A rua da Preza é bem apertada. Mas, mais o vai algo dentro do meu peito, por saber o que vou deparar. A calçada, feita de pedras meio roliças, vai-nos torcendo os pés. É estrada de Pobres, sinuosa e dura como a vida deles. O número que procuro está à vista. O portão aberto deixa-me passar e fico no interior da ilha, onde mulheres lavam a roupa e contam umas às outras os ques do seu viver.

A uma pergunta do que desejo, respondo que ver uma pobre cancerosa, que vive sózinha por ali.

— Olhe, venha ver o local onde pernoita. E conduzem-me ao balneário público, que os moradores da ilha construíram. Abrem a porta dum chuveiro, desfecham um é aqui, e cravam os olhos no meu espanto. O compartimento tem um metro quadrado. É todo de

cimento liso. Tapos no chão frio servem de leito. Quantos de nós, não precisávamos de dormir aqui para avaliarmos com exactidão a dureza da vida dos Pobres!

— A gente não a recebe em nossas casas, que ela já não está em condições. Já cheira muito! — é a desculpa justificada, que oiço misturada com a aflição impotente destas mulheres.

A pobre enferma encontra-se mais além, esmolando quem passa. Acercó-me dela e procuro saber se deseja ser recolhida em lugar decente, onde será tratada com carinho. Nem era preciso perguntar. Diante desta situação todos prevemos o anseio. Mas eu gosto de fazer saltar de dentro destes doentes abandonados a resposta, que põe termo à inquietação de longos meses de vida de incerteza.

A porta da carrinha abre-se. A doente entra. A estrada, agora mais larga e macia, leva-nos ao Calvário, onde mais um membro é recebido como familiar.

A compreensão, a estima, a higiene eliminam o mau odor e ela sente-se feliz, apesar de tudo. Possui o que já supunha não obter, nem merecer. Mas o homem merece tudo. Merece ser preferido a tudo. Habitualmente não se lhe dá primazia na ordem de valores. Valores terrenos, interesses passageiros o suplantam. Nós não queremos traír a ordem que Deus marcou. O Homem é o valor maior sobre a terra. Por ele Deus deu tudo — porque Se deu a Si mesmo. Mas quantas vezes não é o Homem preterido por razões tão mesquinhas, por causas tão ridículas, por valores de tão pouca valia! Não têm conta as situações de invalidez que conhecemos, e para as quais não se vislumbra solução. Quem possui recursos ainda depara com Instituições que o recebem a troco. Mas aquele que os não tem, sabe que o mundo o coloca entre o que menos vale — o lixo.

Nós queremos e amamos o lixo das ruas. Não o trocamos por coisa nenhuma do mundo. Ele é a nossa riqueza. Que o Senhor nos faça amá-Lo mais.

Padre Baptista

Mais um Casamento



O Carlos de Beire e sua esposa, após a cerimónia do seu casamento.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Diário dum soldado

Acabou há momentos o nosso terço de comunidade, como lhe chamamos aqui no Quartel. Desde o dia 13 deste mês, dia em que foi inaugurada a capela, só temos assistido ao terço sete rapazes, todos eles de aldeias e bem formados.

Os comentários não fa tam... Chamam-nos provincianos. Felizmente somos todos rapazes com uma fé perseverante, e edificada em muitos anos de sofrimento.

Outros há que me têm desiludido. Outros que se dizem religiosos e se esquivam aos nossos convites. Procuram viver de bem com Deus e com o Demónio — iludidos!

Em pleno Norte, onde lutamos pela sobrevivência, custa ver entre 160 rapazes apenas 7 no terço; mas Deus, com certeza estará contente, porque esses 7 não vão para matar o tempo, mas sim porque acreditam n'Ele.

Penso que Ele estará também contente comigo, a julgar pela diferença da minha alegria com Ele.

Não tenho esquecido os que me amam. Também espero ser esquecido. Este intercâmbio de Família ajuda-nos a levar a nossa cruz e a mim ajuda-me a crescer na Fé e na Graça.

Que doce acreditarmos na «Comunhão dos Santos»!

Cont. da PRIMEIRA página

E depois de uma viagem, outra viagem, e outra... É a nossa vida: andar de Jerusalém para Emaús em companhia de homens angustiados; aceitar a sua caridade; sentarmo-nos à sua mesa; tomarmos o pão da sua angústia e dar-mo-lo com o presigo de outras angústias. De que inesgotável riqueza de Paz, de Paz que não tem sabor deste mundo, não é fonte esta comunhão!

E os homens que acompanhamos de Jerusalém a Emaús, não os classificamos em pobres e ricos. Todos são pobres. São pobres de Cristo, por demasia ou demasiada míngua de bens deste mundo. São angustiados, porque os «seus olhos estão fechados e o coração tardo para erer» e andam sós nos caminhos da vida, sem reconhecerem o forasteiro que sempre vai com eles. E a

Cantinho dos Padres da Rua

muitos não adianta explicar-lhes tudo o que anunciaram as Escrituras, de Moisés a todos os Profetas. É no partir do pão, do pão material que a sua caridade dispôs e se tornou comunhão dos pobres por demasia e por demasiada míngua de bens deste mundo — é no partir do pão que os olhos se lhes abrem e o coração se apressa a erer!

Partir o pão aos homens — pobres ou ricos de bens deste mundo, mas todos angustiados, por não reconhecerem Cristo junto de si — também é uma vocação divina. É a nossa.

Auto - Construção

ONDE todos pagam nada é caro, onde todos trabalham nada é custoso. Em todos os países do mundo milhares de famílias vivem em casas próprias. Esforços que se têm feito, em toda a parte, não resolveram o problema que se tem agravado, mais e mais nos últimos anos. Esta situação, como aliás outras situações humanas, não terá nunca plena solução. Muitos homens

não sentem a necessidade de viverem numa casa sua; outros a vendem quando a possuem. Mas a regra não é assim. Ao contrário, o homem normal deseja possuir a sua vivenda. Nela sente-se mais homem, porque mais livre, mais independente, mais seguro. O indivíduo do nosso tempo poderá ir viver para uma casa herdada, para uma casa que mandou fazer, ou para uma casa que ele próprio construiu. Poderá herdar a casa de seus pais, de seus tios ou irmãos. Há uns anos atrás isso era muitíssimo mais frequente. Porquê? Porque hoje muitas famílias não a possuem e ninguém deixa o que não possui. Neste particular de vida muitos ricos de hoje não podem fazer o que fizeram os pobres de ontem. Quando os homens viviam espalhados pelos pe-

queninos povoados e as vivendas eram muito rudimentares, toda a gente possuía a sua casinha. Modesta, pobre? Certamente. Hoje não. Os homens aglomeram-se nos grandes centros, nas cidades e nas vilas. O indivíduo, a família deixou a terra. A decadência familiar gerou a decadência no aspecto habitacional. Toda a gente diz que é preciso remediar a situação existente, sem discussão uma situação anormal. Mas como? Mandar construir? Seria cómodo, mas uma casa é muito cara, é muito custosa. Certo, esta modalidade será sempre um caminho. Uma planta, um arrematante, um contrato e uma casa feita. Os industriais, os comerciantes, um ou outro emigrante, um ou outro funcionário público costumam fazer assim. Mas fica muita gente de fora. Para esses o caminho mais viável (não o mais cómodo) ainda será o da Auto-Construção. Uns tantos da mesma classe formam um grupo, uma equipa de oito, dez ou doze elementos e irão fazer, ajudando-se uns aos outros, oito, dez ou doze habitações. Todos trabalham. Todos pagam. E onde todos pagarem tudo será barato. E onde todos trabalharem nada será custoso. Auto-Construção dará ao grupo possibilidades que cada um dos membros não tinha.

Padre Fonseca

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

Mais umas dezenas de quilómetros e, já perto da capital, paramos:

— «A Conferência de S. Vicente de Paulo de Samora Correia resolveu tomar a iniciativa de construir quatro casas para famílias pobres. Encontrando-se as quatro casas já com a cobertura de cimento para receber o telhado, vimos pedir a 2.ª metade da participação».

E tomemos novamente a direcção do sul até à Vila de chaminés mais tipicamente alentejanas: — «Paroquieio uma das freguesias do Alentejo mais populares e onde a gente vive do trabalho do campo e sujeita a grandes crises, sobretudo no inverno.

Os proprietários nenhum vive na freguesia e todos eles se queixam de grandes dificuldades. Como a miséria é muito grande, há muitas famílias a viverem em

verdadeiras mansardas. Terá V. possibilidades de também ajudar a construção de algumas casas nesta terra? Deus recompensaria».

E pouco depois: — «Brevemente começarei a construção das casas». E passados meses: — «Recebi do Património dos Pobres a quantia de dez mil escudos, como auxílio à construção das casas. Obras destas são imorredouras e transcendem o Além».

Deus proteja, como até aqui, esta grande Obra, a maior de caridade até hoje conhecida em Portugal.

Morreu Pai Américo, mas a Obra, porque é Divina, persistirá sempre».

Eis aqui as forças que fazem girar o Património dos Pobres: — a necessidade dos Irmãos, as almas de boa vontade, o Amor de Deus a alimentar a vida de Seus filhos.

Padre Horácio